

CINE DESEJO

Exposição de Caroline Valansi

Pollyana Quintella

Ao entrar no espaço expositivo, logo nos chama atenção um led luminoso anunciando que “Cinema também é templo”. Parte de suas letras são de um antigo cinema de rua, o Cine Tijuca, hoje já inexistente. Se percorrermos um pouco mais, veremos intervenções em cartazes de filmes históricos, fotogramas, serigrafias, além de objetos e ferramentas originais ligados ao universo do cinema analógico. Estamos entre a novidade e a obsolescência, a antiga e a nova imagem.

Neste percurso, se nos permitimos, seremos levados a acessar nossas memórias com o cinema, investigando as promessas que a sala escura nos faz: pequenos encontros eróticos, intimidades não autorizadas, momentos de introspecção, distração de problemas outros. Rita Lee já havia capturado o nosso fascínio: “No escurinho do cinema / Chupando drops de anis / Longe de qualquer problema / Perto de um final feliz”. Estar no cinema pode ser um escape da realidade ou, ao contrário, um mergulho de cabeça nela. Deve haver um final feliz, nos sussurra a indústria cinematográfica.

Mas as coisas mudam, as coisas mudaram. A cidade do Rio de Janeiro, durante os anos 1960, chegou a possuir quase duzentos cinemas de rua, embora hoje conte com menos de quinze. Eram estabelecimentos que funcionavam como grandes centros de socialização, e contavam com uma estética própria. Com o tempo, caíram em decadência em função da TV, da internet, além da especulação imobiliária, dos shoppings e dos serviços de assinatura. Muitos foram substituídos por igrejas - espécies de contra-cinema. Outros, ao contrário, transformaram-se em cinemas pornográficos para sobreviver, alimentando um vasto imaginário com produções baratas de todo tipo, da pornochanchada a Hollywood.

Contudo, além de reforçar nossa relação de encantamento com as imagens, são também os filmes que demarcam fortes relações de poder. Afinal, quem pode narrar e representar, tornar visível? Como a sexualidade feminina é representada na tela ao longo das décadas, ao fazer da mulher mais objeto do que sujeito? É nesta esteira que Cine Desejo, exposição individual de Caroline Valansi, apresenta um conjunto de trabalhos que atuam na tríade imagem-poder-sexualidade, ao construir uma outra imaginação sexual que responda às imagens canônicas.

Em *Sempre um bom filme* (2015), as peças de um antigo projetor 35 milímetros são combinadas com fotografias de mulheres tendo orgasmos, fazendo o técnico e o subjetivo se encontrarem. Também em *Pornografia Política* (2015), a artista se apropria de cartazes de filmes pornôs feitos a mão na década de 1980,

refazendo seus enunciados. Já em *Corpo Cinético* (2018), uma série de colagens reconfigura imagens eróticas de corpos nus, ao perverter a perspectiva original.

Indo além, em *Cartografia* (2020), a artista buscou mapear a relação de algumas pessoas com a palavra desejo, procurando entender como funcionam seus gatilhos, atrações, repulsas, fetiches. Com a obra, percebemos que o corpo produz seu próprio léxico e repertório, ora compartilhado, ora particular. Além disso, aqui o sexo é pensado para além das imagens figurativas e representativas, dando espaço para uma elaboração mais íntima e singular. Somos obras de nós mesmos, exercitando alguma escrita de si.

E pode haver outras pornografias, outro erotismo. Na série *Carne Viva* (2019), formas abstratas de forte contraste revelam aos poucos partes de um corpo interior feminino, como um zoom íntimo. Se nos aproximamos um pouco mais, conseguimos ler adjetivos que performam outra feminilidade, entre o humor e a ironia. Em outra obra, uma frase iluminada por led anuncia que “A sexualidade deve ser tratada com atenção em tempos de grande estresse social”. Sob muitos esgotamentos, nossos corpos têm respondido com teimosia ao endurecimento do presente.

Trata-se de trabalhos empenhados em construir uma contra-narrativa que faz do corpo e do prazer uma plataforma de experimentação, tensionando a representação hegemônica do sexo. Para isso, o repertório que antes era fetichizado pela pornografia *mainstream*, por exemplo, se vê torcido e friccionado, superando a mera excitação para dar lugar a uma reflexão crítica do desejo, sem abandoná-lo. A mulher assume sua própria autodenominação contestatória, dando lugar a criação de outras ficções políticas.

Valansi nos provoca a reestabelecer o desejo a partir de novas práticas significantes, extrapolando a unilateralidade do discurso. Não haverá final feliz, mas ao longo do caminho construiremos territórios mais livres: estamos prontos para refundar a máquina-corpo.